

Karl Marx após a edição histórico-crítica (mega²):

um novo objeto de investigação

Roberto Fineschi

Como citar: FINESCHI, R. Karl Marx após a edição histórico-crítica (mega²): um novo objeto de investigação. *In* : ROIO, M. D. (org.). **Marx e a dialética da sociedade civil**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. p.15-45. DOI: <https://doi.org/10.36311/2014.978-85-7983-596-4.p15-45>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

KARL MARX APÓS A EDIÇÃO HISTÓRICO-CRÍTICA (MEGA²): UM NOVO OBJETO DE INVESTIGAÇÃO

Roberto Fineschi

INTRODUÇÃO

A análise marxiana tem uma longa história: nasce com o próprio Engels, a quem correspondeu em primeiro lugar o dever de “defender” a obra do amigo, e continuou até os dias atuais, por meio das interpretações mais diversas, a maior parte das quais é rotulado genericamente com o termo do “marxismo”. Seria inútil dar uma lista de autores, que aos leitores resultaria previsível, já que se trata, com efeito, de nomes célebres.

Todas estas leituras basearam-se -- como não poderia deixar de ser -- em textos já conhecidos de Marx. É por isso que houve pontos de ruptura, por exemplo, com a publicação das *Theorien über den Mehrwert*, ou dos *Grundrisse*: sua aparição proporcionou novas ferramentas indispensáveis para a compreensão crítica do pensamento desse autor, alterando o objeto da investigação e sancionando definitivamente como implausíveis algumas das interpretações precedentes.

Por esta e por outras razões o que acontece na Alemanha, desde 1975, tem um significado fundamental para toda a exegese marxiana. Trata-se da publicação completa de todas as obras e em todos os níveis de desenvolvimento, dos dois autores alemães. O nome do projeto é *Marx-Engels-Gesamtausgabe* (MEGA²) e as novidades são tais e tantas que é de se crer que nos encontramos diante de um momento de ruptura: *o objeto da pesquisa se viu modificado pela publicação de uma parte fundamental do legado que até hoje era inacessível*. Pode-se considerar o termo de “revolução científica”.

Mais adiante estão algumas informações básicas para compreender a natureza de um projeto tão importante, com uma breve história (§§ 1-3) e com algumas indicações gerais sobre os resultados obtidos (§§ 4-5).

Um dos resultados mais importantes da análise filológica que, talvez, convenha ser observado é que só a partir do Manuscrito 1857-8 (*Grundrisse*) é que *Marx tem uma teoria própria do valor*; que ainda não estava elaborada em princípios dos anos 1850, quando retomou os estudos de economia em Londres.

Assim, a concepção de história do *Manifesto Comunista* não pode ser mais que um esboço, uma grande delineamento do curso histórico em que ainda não se tem uma teoria orgânica da sucessão de formações socioeconômicas. Além disso, tal teoria nem sequer se existe em *O Capital*, onde, porém, se assentam as bases para a compreensão do modo de produção capitalista através da elaboração da teoria do valor em sua estrutura complexa.

Ao fim das contas, com a perspectiva de um século, a pesquisa filológica não fez mais que dar razão a Labriola que em seu escrito *Em memória do Manifesto dos Comunistas*, já mostrava que nesta obra de Marx e Engels não existia uma teoria da história mais que a nível “intuitivo”². Por outro lado, o retorno a *O Capital*, como ponto de partida para a compreensão da

¹Lendo o § 4, podemos nos dar conta de quantos e quais textos de Marx ainda não havia sido publicado. Ver também parte final do segundo parágrafo, onde se reproduz o projeto completo, para julgar o alcance excepcional da obra.

² Ver Labriola (1977, p. 31-32): “Mas aquele escrito, que era o Manifesto [...] se foi tantas e tantas coisas como sedimento de vários pensamentos reduzidos pela primeira vez a uma unidade intuitiva de sistema, e como coleta de germens capazes de amplo desenvolvimento, não foi, porém, nem pretendeu ser, nem o código do socialismo, nem o catecismo do comunismo crítico, nem o vademécum da revolução proletária [...]. O comunismo crítico, na verdade, começava apenas com o Manifesto; deveria se desenvolver, e de fato se desenvolveu. O complexo de doutrinas que hoje se convém chamar de marxismo não alcançou realmente a maturidade senão nos anos 60 e 70”.

filosofia marxiana, no debate iniciado durante o pós-guerra, é crédito atribuível a Luporini (1976, p. 389), que reconhece sua dívida para com Labriola. Isso não significa que os autores aqui citados encerraram o debate, mas que haviam entendido por quais nós decisivos teriam se desenvolvido.

Por estas razões, de modo algum há que se pensar na exclusão a *priori* da leitura política da obra marxiana, muito menos do *Manifesto*, enquanto obra de vital importância para a história do movimento operário³ e na formação intelectual de Marx e Engels. No entanto, o *Manifesto* deve ser contextualizado e redimensionado quanto ao seu alcance teórico. Pelo mais, uma “política” só pode se desenvolver sobre a base de uma teoria que compreenda a formação socioeconômica a que se refere e esta visão não existe no *Manifesto* porque falta a teoria do valor.

Todas estas considerações se fundamentam na publicação da *MEGA*² e em estudos já realizados em torno dela. Vamos então ver brevemente do que se trata.

1 A MEGA, DAS ORIGENS AO COLAPSO DO SOCIALISMO REAL⁴

1.1 PRÉ-HISTÓRIA DA MEGA

A ideia de uma edição crítica das obras de Marx e Engels começou em 1914, mas não teve continuidade. Em Moscou, em 1917, após a Revolução de Outubro, a ideia foi retomada por Rjazanov. Em 1921, ao ser nomeado diretor do recém-fundado Instituto Marx-Engels começou a preparar a obra, com a ajuda do Partido Social Democrata Alemão, que estava em posse de grande parte dos manuscritos originais de Marx. Em 1927, apareceu em Frankfurt o primeiro volume dos 42 planejados pela MEGA - denominada depois MEGA¹ para distingui-la da atual. Entre 1929 e 1932, a editora Marx-Engels-Verlag Berlin publicou outros oito volumes.

Depois da tomada de poder por parte de Hitler e o recrudescimento do terror stalinista – que entre outros golpeou também a Rjazanov (1992) e muitos colaboradores seus – a edição foi adiada. No entanto, entre 1933 e 1935, apareceram outros quatro volumes em Moscou-Leningrado

³ Pense por exemplo nos importantes estudos sobre a *Wirkungsgeschichte* de G.M. Bravo.

⁴ Para a reconstrução completa da história da MEGA nos baseamos em Jürgen (1994, p. 5-29) y Dlubek (1994, p. 60-106).

pela Casa Editorial para a Literatura Estrangeira. Entre 1939 e 1941 foram editados por Pavel Veller em dois volumes, os *Grundrisse der Kritik der politischen Ökonomie* (como é sabido, título do manuscrito marxiano de 1857-58), formalmente não incluídos na MEGA, mas compilados com os mesmos princípios filológicos.

Após a Segunda Guerra Mundial, em finais dos anos 1950, surgiram iniciativas para uma nova edição tanto em Moscou como na Europa Oriental e Ocidental. Porém, em seguida se descartou uma cooperação europeia de longo alcance por causa da situação política internacional e da problemática continuação da edição de Rjazanov que, embora louvável como primeiro esforço, filologicamente e criticamente fundado das obras completas de ambos os autores, estava marcada por algumas deficiências, além de adotar critérios filológicos hoje já superados.

1.2 A NOVA MARX-ENGELS-GESAMTAUSGABE (MEGA²)

O projeto o MEGA² se iniciou “tipograficamente” em 1975, graças aos Institutos de Marxismo-Leninismo (IML) do Comitê Central de Partido Comunista da União Soviética e do Comitê Central do Partido Socialista Unificado da Alemanha Oriental (SED). A partir de 1990, a publicação fica a cargo da Fundação Internacional Marx-Engels (IMES). Antes de entrar no contexto que implicou essa passagem, marcada pelo colapso do socialismo real, é necessário conhecer as fases que conduziram à sua publicação.

1.1.2 O PERÍODO 1955-1969

Durante os anos das ditaduras de Hitler e Stalin o legado marxiano foi mantido em Amsterdam, onde em 1935 se fundou o Instituto da História Social. Apesar disso, não foi possível organizar uma MEGA na Europa Ocidental, quer por problemas de recursos financeiros ou interesses políticos dos Estados burgueses. Em 1931, o Instituto Marx-Engels de Moscou foi absorvido pelo Instituto Lenin e o uso ideológico da edição se tornou predominante, já que esse estava sob o controle direto do Comitê Central do PC. A edição crítica pôde prosseguir com cânones científicos

unicamente graças ao esforço de pesquisadores que aproveitaram a incompetência burocrática e não se adequaram ao utilitarismo político.

Para retomar a MEGA¹, as iniciativas só poderiam vir de Moscou e após a morte de Stalin (1953), mais especificamente com Krushev, recém-nomeado secretário geral do PCUS, e depois do XX Congresso (1956). Desde 1955 os pesquisadores moscovitas tentaram estabelecer contatos na esfera internacional, a fim de dar continuação à publicação integral dos escritos de Marx e Engels. Esta iniciativa encontrou apoio em Berlim no período de 1955-1958: se pensava reelaborar o que já havia sido publicado (I.1-I.7) e prosseguir a partir do I.8. Dos 42 volumes previstos originalmente passariam, em um primeiro estágio, para 50, e em um segundo, para 55-60. Também se começou a conjecturar sobre eventual seção dedicada a extratos e anotações dos dois autores, sem que se tomasse uma decisão definitiva. Porém, o veto do Partido Comunista da União Soviética não se fez esperar. Os estudiosos russos então propuseram que os colegas berlinenses tomassem a frente através do partido alemão, o que aconteceu em 1956. No entanto, o partido russo rejeitou a solução e só concordou com a ampliação da edição russa (1957).

A iniciativa, assim, passou ao Instituto alemão de Marxismo-Leninismo. Desde o início dos anos 1960, os dirigentes da RDA sentiam necessidade de construir uma nova identidade nacional, que era factível em torno das figuras de Marx e Engels. Assim, se falou de uma nova edição crítica completa, que continuaria e finalizaria a *Werke-Ausgabe*. Segundo o projeto dos ideólogos, esse trabalho representaria um suporte fundamental do programa político e constituía um instrumento essencial para compreender e modificar a realidade.

No entanto, o instituto berlinense não tinha forças nem experiência para levar a cabo tal iniciativa e por isso decidiu postergá-la até o final da edição da *Marx-Engels Werke* (1963). Em 1964 o secretário geral alemão Ulbrich solicitou formalmente a Krushev a permissão para realizar o projeto, para obter a colaboração do instituto russo e para a expedição dos microfilmes dos manuscritos. A solicitação foi aceita (1964), mas o presidente do Instituto de Marxismo-Leninismo russo, Pospelov, tinha uma ideia da MEGA muito distinta dos estudiosos alemães: pensava em uma sorte de “pendant” de 2ª edição russa das obras em 39 volumes, finalizada

em 1965. Segundo esse projeto, o número de volumes se limitava a 50 e as sessões a três, sem a quarta de extratos e anotações. O projeto deveria ser compilado em Moscou e os microfimes seriam enviados a Berlim somente em circunstâncias ocasionais. Nesse momento também na URSS começou a se falar na superação desse modo desgostoso de proceder. A queda de Kruschew não teve repercussões notáveis sobre o projeto.

Entre 1965 e 1968 houve quatro reuniões organizativas dos comitês alemão e russo dos Institutos de Marxismo-Leninismo, nas quais se discutiu sobre o tipo de edição e sobre as linhas a seguir. Na primeira, os alemães especularam sobre uma edição histórico-crítica, mas não apresentaram ideias concretas, enquanto, que os moscovitas sustentaram que a MEGA¹ havia sido superada cientificamente pela segunda edição russa das obras. Considerou-se que era necessário um trabalho de amplo alcance já que os critérios de Rjanazov estavam ultrapassados e que se deveria levar a frente uma nova edição que levasse em conta os resultados recentes obtidos da publicação alemã das obras dos grandes clássicos da literatura realizadas naqueles anos. Tendo em conta o programa de trabalho da Marx-Engels-Werke (MEW) considerou-se que para o desenho do projeto seria necessário todo o período até 1970. Em 1972, um volume de teste para a discussão seria publicado internacionalmente. Para tal efeito era também necessário o apoio de importantes instituições do Ocidente, concretamente do Instituto da História Social de Amsterdam.

Os estudiosos de Moscou aceitaram esse projeto, mas limitando-se a considerá-lo uma edição completa em língua original e recusando o caráter histórico-crítico. Porém, também eles desejavam uma edição completa que efetivamente incluísse toda a obra de Marx, com extratos, esboços, etc.⁵. Não se reformularam hipóteses sobre a limitação dos volumes nem das sessões: ratificou-se a necessidade de uma IV seção que incluísse extratos, esboços, esses secundários e que ocuparia 30-40 volumes. Foram previstos cerca de 100 volumes a serem publicados em um lapso de tempo indeterminado. A responsabilidade da redação de um esquema geral da divisão se confiou ao setor de Moscou, que acabava e concluir a edição russa. Ao Instituto de Berlim recaiu a responsabilidade da definição das

⁵Tenha-se em conta que a MEW, por exemplo, continha somente parte dos manuscritos preparatórios do *O Capital*.

linhas editoriais, pois o idioma escolhido para a edição era alemão, idioma em que estavam escritos a maioria dos textos.

A oposição russa para uma edição crítica apareceu de novo por meio de Pospelov, que pretendia evitar o caráter científico-acadêmico e deixa-la relegada a uma edição política. Suas repetidas iniciativas, a partir do Comitê Central do PCUS para a reestruturação do projeto, em defesa da segunda edição russa das obras (1966), obtiveram ao fim uma resolução que previa três sessões, 50 volumes e 10 anos de trabalho. Politicamente, nada mais aconteceu até a segunda reunião do comitê (fevereiro de 1967). Ambas as partes trataram de reconduzir a discussão nos termos da primeira reunião: os russos conduziram o esquema das duas primeiras sessões e os alemães na primeira redação geral das linhas editoriais seguiram as indicações do germanista Bruno Kaiser.

Com a ascensão de Fedoseev à presidência do Instituto de Marxismo-leninismo moscovita as coisas mudaram, já que, uma vez analisado o projeto, optou por uma edição crítica e reconheceu a necessidade de uma ampla seção para extratos (maio de 1967). As outras duas reuniões (julho de 1967 e 1968) se mantiveram sempre com tais diretrizes, sancionando formalmente estas posições. Na quarta se decidiu que a editora Dietz Verlag Berlin se encarregaria da impressão.

Antes de levantar a questão fundamental da reprodução integral das obras, sem escolhas arbitrárias por parte do editor, era preciso realizar, dado o caráter histórico-crítico da obra, a revisão dos manuscritos e os textos a serem impressos mediante o rigoroso cotejo com o original. A tarefa de decifrar o material foi árdua, inclusive se recorreu a peritos criminalistas com uma longa experiência na matéria caligráfica. Desse modo se elaborou um texto base para a interpretação dos sinais, mas a comparação com o original se revelou necessária para todos os escritos publicados. Esse aspecto suscitou diversas discussões, já que parte da MEGA¹ havia sido elaborada trabalhando sobre fotocópias, que constituíam as 2/3 do fundo moscovita. Era preciso um acordo com o Instituto da História Social de Amsterdam, que possuía grande parte dos originais.

Desde 1969, tentou-se chegar a um acordo, que foi alcançado depois de diversas tentativas infrutíferas. Tal acordo se firmou com um inter-

câmbio de materiais: os dois Institutos de Marxismo-leninismo, em troca dos manuscritos originais, colocaram a disposição do Instituto da História Social uma parte importante do próprio arquivo. *O caráter rigorosamente científico da edição era uma condição sine qua non. O instituto holandês, de todos os modos, não quis entrar diretamente na preparação da obra. Ainda assim, o projeto era interessante já que no Ocidente não se encontravam editores que quisessem imprimir obras de Marx, das quais existiam algumas edições, mas nenhuma completa e orgânica. O acordo marcou um momento crucial na história da edição, pois sancionou o final da pré-história da MEGA, pois agora, uma vez reunidas todas as condições necessárias, era possível levar adiante a parte operativa propriamente dita.*

1.2.2 DESENVOLVIMENTO DA MEGA² COMO EDIÇÃO HISTÓRICO-CRÍTICA (1969-1973)

Ao se concluir a *Werke-Ausgabe* foram liberadas forças para a MEGA2, os dois Institutos de Marxismo-Leninismo, da RDA e da URSS, colaboraram dividindo-se o trabalho: para Berlim ficou o encargo a I seção, para Moscou a seção III e para o trabalho conjunto as outras duas seções.

Condicionantes políticos surgiram novamente em 1969, quando o SED - Partido Socialista Unificado da Alemanha manifestou a vontade de empreender uma campanha ideológico-política de apoio às iniciativas do governo. Foi incluído na discussão o caráter histórico-crítico da obra, limitando ademais a disponibilidade de tempo a dez anos. Tal operação foi julgada ilegítima e absurda por ambos os Institutos de Marxismo-Leninismo. Depois de longos debates, o partido alemão reconheceu a necessidade de garantir um período de tempo maior, mas na URSS, devido a subordinação à instancias políticas, não foi possível admiti-lo durante anos.

Todavia, tratava-se de um vasto projeto e os diversos setores logo advertiram que se necessitavam mais estudiosos de quantos havia disponíveis. Na Alemanha existia mais um problema de preparação: faltava pessoal qualificado. Em Moscou existia pessoas qualificadas, mas estavam ocupados na publicação dos extratos da edição russa. Sobreretudo na RDA considerou-se necessário solicitar a colaboração de estudiosos que não pertenciam ao Instituto de Marxismo-Leninismo e assim dirigiram-se con-

cretamente à Academia de Ciências de Berlim, à Universidade de Halle e à Escola Superior de Pedagogia Erfurt/Mühlhausen. Além do pessoal qualificado, entraram no projeto alguns estudiosos que não dependiam estritamente do Partido Socialista Unificado da Alemanha Oriental.

Como já foi mencionado, o princípio fundamental foi o de totalidade. Por isso, catalogar e estruturar a integridade do legado dos pensadores requereu muito tempo. Também a MEGA¹ havia se diferenciado obras de cartas e reservado uma seção própria para *O Capital*. Na MEGA² foi acrescentada a famosa quarta seção sobre extratos. Nas diversas sessões se estabeleceu internamente uma ordem cronológica. Vejamos, em primeiro lugar, o conteúdo geral:

Primeira seção: obras, artigos e esboços exceto *O Capital*, que foram rigorosamente separados das cartas colocados na terceira seção; distinguiu-se com precisão entre os esboços que deviam figurar e os extratos da quarta seção. Foram excluídos os volumes temáticos. Para esta seção foram previstos 32 volumes.

Segunda seção: *O Capital* e trabalhos preparatórios. Conforme o planejamento são 16 volumes em 24 partes - segundo a modificação de 1983. Para as sessões terceira e quarta, respeitar o princípio de totalidade era mais delicado, especialmente em razão da amplitude do material. Por isso, a elaboração do esquema final progrediu mais lentamente e tardou até a metade dos anos 80, quando foi adotado finalmente pela totalidade, e foi revogado à limitação do número de volumes. Portanto:

Terceira seção: Correspondência. Ao contrário dos *Werke*, que continham somente as cartas de Marx e Engels, aqui também são publicadas as que lhes são dirigidas. Esta abordagem foi inovadora em relação à MEGA¹ até o ponto que em separado se queria inserir as cartas entre terceiros que lhes eram concernentes de maneira próxima (isto não foi possível depois do redimensionamento do projeto). Foram previstos 45 volumes.

Quarta seção: extratos, anotações, demais documentos. A situação era problemática no que diz respeito ao esquema final e ao princípio de totalidade, dada à variedade e generalidade dos materiais.

Após a análise global do trabalho, o projeto final alcançou 133 volumes (144 tomos), exceto os demais documentos, todos duplos por estarem acompanhados do aparato crítico. Tratar-se-ia, pois de 284 tomos no total!

Em 1972 apareceu o volume de teste, que foi bem recebido e suscitou a atenção em torno do projeto. A questão dos comentários se tornou central: originalmente foi decidido evitar introduções ou prefácios como os da MEW para não comprometer ideologicamente a edição. Esse extremo foi muito criticado não somente pelos moscovitas, mas, também no exterior, ao considerar que, deste modo, a edição seria inferior à MEW. Por isso, foram introduzidas notas explicativas sobre partidos, personagens, fatos e se enriqueceram com comentários sobre as pessoas citadas. O problema mais relevante continuou sendo o das introduções. Ficou difícil distinguir com precisão entre explicações e julgamentos, pois os primeiros, por si só já se ajustavam pouco a uma edição acadêmica. Era impossível que os pesquisadores não estivessem influenciados pela visão do mundo marxista-leninista e pela ideologia do partido ao qual pertenciam. Este aspecto estaria implícito na parte crítica.

1.2.3 INÍCIO DA PUBLICAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO DA MEGA² (1973-1976)

Durante a quinta (1973) e sexta (1974) reunião conjunta dos dois grupos se aperfeiçoaram detalhes em função das críticas e comentários vertidos sobre o volume de teste. Foram então definidos os seguintes critérios gerais da edição:

- a.* reprodução absolutamente completa de todo o legado literário,
- b.* reprodução completa de todos os níveis de trabalho (esquemas, esboços, manuscritos, etc.),
- c.* reprodução na língua original, mantendo a ortografia e pontuação originais,
- d.* notas esclarecedoras ao texto e de caráter histórico, político e filosófico.

A publicação da MEGA² se iniciou com o primeiro volume de cada seção: I. 1 e III.1 saíram no outono de 1975; II.1 e IV.1 em 1976. Os demais volumes saíram e saem à medida que estão prontos. Devido ao caráter da IV seção, desde meados dos anos 80 foi decidido coordenar o trabalho não com critérios de sucessão numérica, mas em função da elaboração das obras da I seção. Assim foi decidido também para as cartas, contrariamente a como se havia feito anteriormente (1984).

Os editores advertiram, em seguida, que o trabalho progredia mais lentamente que o previsto. No início dos anos 80 não saíam mais que dois volumes por ano, que aumentaram para três e no máximo quatro no final dos anos 80. Nesse ritmo, as sessões I e II se concluiriam em 2005-2010, e a IV em 2020.

1.2.4 EXIGÊNCIA CIENTÍFICA E CRENÇA MARXISTA-LENINISTA À LUZ DOS RESULTADOS DO TRABALHO EDITORIAL

Com a queda do chamado socialismo real, também foi questionado as razões para a leitura ideológica proposta nas notas explicativas. Os aspectos canônicos desta interpretação eram a coincidência das ideias de Marx e Engels, continuadas e completadas depois por Lenin. Esta abordagem levava ao dogmatismo e ao abandono total da análise do capitalismo real, terminando por se aplicar a teoria geral do *Capital* sem mediação alguma. Esta ausência de crítica conduziu necessariamente a uma divisão maniqueísta do mundo em função de que o objeto de análise fosse mais ou menos do agrado de Marx. Foram tomadas iniciativas a partir de seus conceitos particulares e circunstanciais que se convertiam em mandados para uma reta moralidade socialista. As atuais linhas editoriais eliminaram esse aspecto, sem negar o valor filológico e científico da obra.

2. HISTÓRIA DA MEGA COM A DIREÇÃO DA FUNDAÇÃO INTERNACIONAL MARX-ENGELS (IMES)

O colapso do socialismo real pôs em questão a existência dos Institutos de Marxismo-Leninismo e imediatamente se iniciou a busca por institutos que pudessem continuar o projeto, talvez redefinindo os caracte-

res gerais de cunho político-ideológico. Pensou-se no Instituto da História Social de Amsterdã e na Karl-Marx-Haus de Trier, pois, afinal, Marx e Engels eram considerados grandes pensadores de seu tempo, independentemente do papel que tiveram na história do marxismo e despertavam um interesse mundial que ultrapassava as contraposições ligadas ao desenvolvimento daquele movimento, tanto internamente – entre os diferentes “marxismos” – como externamente, com as contraposições ideológicas entre Oriente e Ocidente.

No decorrer dos encontros internacionais se alcançou as seguintes conclusões gerais: (i) o projeto devia se realizar em um âmbito e com alcance internacionais; (ii) devia-se eliminar qualquer interferência político-ideológica. Em 1990 o Instituto da História Social, o Instituto de Marxismo-leninismo de Moscou, a Academia de Ciências de Berlim (que substituíra o Instituto de Marxismo-Leninismo de Berlim) e a Karl-Marx-Haus de Trier fundaram a International Marx-Engels-Stiftung (IMES), sociedade baseada no direito holandês.

Rapidamente se organizou um escritório editorial com a tarefa da coordenação geral do projeto, com controle da totalidade do trabalho, controle do caráter único dos volumes, de sua qualidade científica e preparação do conselho de direção. O financiamento do projeto, que até aquele momento havia contado com as contribuições do Partido Comunista da União Soviética e do Partido Socialista Unificado Alemão, revelou-se como o problema mais urgente.

No que diz respeito aos grupos de trabalho foi acordado deixar ativos os já existentes na ex-Alemanha Oriental (Berlim, Leipzig, Jena, Erfurt/Mühlhausen) e em Moscou. Depois da unificação alemã foram cancelados os fundos prometidos depois da queda do muro de Berlim e houve também uma pesada redução de pessoal. Isto também aconteceu na URSS depois da fracassada tentativa de golpe de Estado de 1991: o recém-fundado Instituto da Teoria e História do Socialismo foi fechado e em seu lugar foi criado o Instituto de Investigação de Problemas Sociais e Nacionais como fundação apolítica. O arquivo do PCUS foi designado ao Centro de Conservação e Estudo de Documentos da História Recente. O Instituto de Investigação de Problemas Sociais e Nacionais e o Centro de

Conservação e Estudo de Documentos da História Recente mostraram sua disposição para continuar o trabalho da MEGA².

Foi relevante que o conselho científico alemão reconhecesse a importância e validade da obra, que foi assumida como uma iniciativa própria e contou com a colaboração de sete pesquisadores. Os ministérios franceses de cultura e de tecnologia e investigação também reconheceram a importância do projeto e contribuíram para seu financiamento aportando quatro colaboradores durante dois anos. No início de 1992, graças ao acordo entre a Karl-Marx-Haus de Trier e uma fundação francesa com sede em Aix-en Provence, formou-se um grupo franco-alemão, embora suas tarefas não se limitassem unicamente à MEGA². Um financiamento significativo para os dois grupos russos chegou também da Organização Holandesa da Investigação Científica (1992). O comitê executivo central estava formado por: Bagaturija (Moscou), Grandjonc (Aix-en-Provence), Hundt (Berlim) e Rojahn (Amsterdam). Mediante esses fundos se assegurou o financiamento suficiente para a continuação dos trabalhos.

O papel específico da Fundação Internacional Marx-Engels consistia em continuar um projeto iniciado 20 anos antes em condições distintas e em diferente forma. Agora já não se publicavam os clássicos do Marxismo-Leninismo, mas as obras de dois grandes pensadores do século XIX. A avaliação do trabalho anterior pode ser sintetizada em três pontos:

1. Apesar da instrumentalização política, o projeto havia sido cientificamente sério. Depois de 1990 foi decidido internacionalizar a investigação e liberá-la das implicações políticas e ideológicas do passado, mas sem interromper sua publicação.
2. O conhecimento desses acontecimentos permitiria compreender melhor as linhas adotadas atualmente.
3. Mantiveram-se os volumes antigos já que teria sido impossível submetê-los individualmente a revisão ou crítica; julgaram-se como instrumentos válidos, levando em consideração o que foi anteriormente dito a respeito das infiltrações ideológicas.

O problema premente era de tempo: dada a redução de pessoal o tempo para a produção de um volume se estimou em sete anos, com grupos de cinco pessoas por volume. Foi mencionado, então, novamente

da possibilidade de reduzir o programa ou das estratégias para diminuir o tempo de produção, tudo isso sem que afetasse ao princípio de totalidade ou da qualidade. As modificações podiam afetar os seguintes âmbitos: conceito da edição; princípios editoriais; organização do trabalho; modernização tecnológica; método de trabalho.

Decidiu-se continuar com a publicação dos dois autores sem assegurar a coincidência de pensamento. Era difícil fazer uma divisão editorial já que diversos textos são obras escritas em conjunto, ou porque os volumes até então publicados previam uma solução única e o projeto, precisamente, consistia em continuar a obra. De todo modo, renunciou-se aos 30 volumes de “documentos secundários”, estas se localizaram em capítulos distintos dos originalmente previstos. O projeto, enquanto a sua totalidade, também foi redimensionado. Na seguinte tabela, tomada da sede oficial da Mega-Abteilung da Academia de Ciências de Berlim e Brandeburgo, figura a lista dos volumes publicados (**negrito**), os volumes em preparação (*cursiva*) e daqueles opcionais, seguidos das siglas dos supervisores.

Trata-se no total de 114 volumes em 122 tomos. Da primeira seção foram publicados 20 de 32, da segunda 24 de 24, da terceira 12 de 35, e finalmente da quarta 12 de 32 (isso em dezembro 2012).

Primeira seção: Obras, Artigos, Esboços.	Segunda seção: <i>O Capital</i> e trabalhos preparatórios.	Terceira seção: Cartas.	Quarta seção: Extratos, Notas e demais documentos.
I/1 IMLB 1975	II/1.1 IMLM 1976	III/1 IMLM 1975	IV/1 AdW Berlin 1976
	II/1.2 IMLM 1981		
I/2 IMLB 1982	II/2 IMLM 1980	III/2 IMLM 1979	IV/2 IMLM 1981
I/3 IMLB 1985	II/3.1 IMLB 1976	III/3 IMLM 1981	IV/3 RGASPI/IISG 1998
	II/3.2 IMLB 1977		
	II/3.3 Halle 1978		
	II/3.4 Halle 1979		
	II/3.5 IMLB 1980		
	II/3.6 IMLB 1982		
I/4 Option BBAW	II/4.1 IMLM 1988	III/4 IMLM 1984	IV/4 IMLM 1988
	II/4.2 IMES 1992		
	II/4.3 BBAW		
I/5 BBAW	II/5 Erfurt 1983	III/5 IMLM 1987	IV/5 RGASPI
I/6 Option BBAW	II/6 IMLB 1987	III/6 IMLM 1987	IV/6 AdW Berlin 1983
I/7 BBAW	II/7 AdW Berlin 1989	III/7 IMLM 1988	IV/7 Halle 1983

I/8 BBAW	II/8 Erfurt 1989	III/8 IMLM 1990	IV/8 Halle 1986
I/9 BBAW	II/9 Berlin 1990	III/9 RGASPI/ IISG 2003	IV/9 Halle 1991
I/10 IMLB 1977	II/10 IMES 1991	III/10 RGASPI 2000	IV/10 BBAW
I/11 IMLB 1985	II/11 RGASPI/JT/ BBAW 2008	III/11 RGASPI/ BBAW 2005	IV/11 BBAW
I/12 IMLB 1985	II/12 JS 2005	III/12 RGASPI	IV/12 BBAW 2007
I/13 Leipzig 1985	II/13 JS 2008	III/13 RGASPI 2002	IV/13 Option BBAW
I/14 BBAW 2001	II/14 BBAW 2003	III/14 RGASPI	IV/14 D/NL
I/15 BBAW	II/15 BBAW 2004	III/15 Option RGASPI	IV/15
I/16 BBAW		III/16 Option RGASPI	IV/16 BBAW
I/17 Option BBAW		III/17 Option RGASPI	IV/17 JH/BBAW
I/18 Halle 1984		III/18 Option RGASPI	IV/18 JT/BBAW
I/19 Option BBAW		III/19 Option RGASPI	IV/19 JW/BBAW
I/20 IMES 1992		III/20 Option RGASPI	IV/20
I/21 BBAW 2009		III/21	IV/21 FR
I/22 IMLB 1978		III/22	IV/22 RGASPI
I/23 Option BBAW		III/23	IV/23
I/24 IMLB 1984		III/24	IV/24 Option TU Braunschweig
I/25 Jena 1985		III/25	IV/25 BBAW
I/26 Berlin 1985		III/26	IV/26 BBAW 2011
I/27 IMLB 1988		III/27	IV/27 USA/RGASPI/NL
I/28 RGASPI/FR		III/28	IV/28 RGASPI
I/29 AdW Berlin 1990		III/29 D/I	IV/29 FR
I/30 BBAW 2011		III/30 DK/RGASPI	IV/30
I/31 BAW 2002		III/31	IV/31 IMES 1999
I/32 BBAW 2010		III/32	IV/32 BBAW 1999
		III/34 Bremen	
		III/35 Bremen	

AdW Berlim = Academia de Ciências da RDA, em Berlim.

BBAW = Berlim - Brandenburg Academia de Ciência, Projetos Academia MEGA, em Berlim.

Berlim = Universidade Humboldt de Berlim.

Bremen = Universidade de Bremen.

D / I = grupo editorial alemão - italiano, Marburg e Veneza.

DK / RGASPI = dinamarquês russo Editor do Grupo, Copenhaga e Moscou.

D / NL = editor grupo germano-holandesa, Berlim e Amsterdã.

Erfurt Erfurt = Faculdade de Educação Mulhouse.

FR = grupo editor francês na Universidade de Paris VIII

Hall = Universidade de Halle- Wittenberg.

IMLB = Instituto de Marxismo-Leninismo do Comitê Central do Partido da Unidade Socialista da Alemanha Berlim.

IMLM = Instituto de Marxismo-Leninismo do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética, Moscou.

JH = editor grupo japonês, Hokkaido.

JS = editor grupo japonês, Sendai.

JT = editor grupo japonês, Tóquio.

JW = grupo West Japan Editor.

Jena = Jena University.

Leipzig = Universidade de Leipzig.

RGASPI = grupo editor no Arquivo do Estado Russo de História Política e Social, Moscou.

RGASPI / FR = editor grupo russo -francês, Moscou e Toulouse.

EUA / RGASPI / NL = editor grupo americano - russo -holandesa, Nova York, Moscou e Amsterdã.

3 O ROL DAS PUBLICAÇÕES ESPECIALIZADAS

3.1 AS PUBLICAÇÕES NA ALEMANHA ORIENTAL

Paralelamente à publicação da MEGA² se editavam algumas revistas especializadas, nas quais se apresentavam e discutiam os problemas surgidos durante o desenvolvimento do trabalho filológico. Estas revistas eram coordenadas pelos estudiosos que se ocupavam da publicação da obra e serviam para divulgar os resultados da investigação. A divulgação se desenvolvia a vários níveis: desde a indispensável e preliminar reconstrução dos textos, baseada na confrontação dos livros para impressão, passando pelas variações e a verificação dos progressos nos distintos manuscritos, até uma fase criticamente mais avançada em que se tomava partido sobre as questões mais candentes do debate histórico e contemporâneo a respeito da interpretação marxiana. O objetivo dessa divisão não é apresentar esse debate, mas oferecer algumas indicações gerais das revistas em questão.

Os argumentos tratados cobriam toda a gama de temas inerentes à MEGA², do valor das obras de juventude, das cartas aos manuscritos de anotações que Marx havia coletado para uso pessoal, para não mencionar a obra de Engels. O papel destas revistas foi tão importante quanto pouco considerado, já que nelas, *pela primeira vez na história da análise marxia-*

na, expunham-se os resultados obtidos da análise textual de manuscritos e obras nunca antes publicados. Estas novidades não podiam mais que oferecer uma perspectiva distinta sobre a interpretação das obras já publicadas, e, portanto, renovar radicalmente capítulos que haviam considerado fechados de forma precipitada. É pertinente mostrar em que medida os resultados desse debate foram importantes para aprofundar na temática dos textos de Marx, aspecto que aqui somente pode ser vagamente tratado.

As revistas mais importantes nas quais se discutiam os resultados da MEGA² se coordenavam nas mesmas cidades onde residiam os comitês de trabalho. Ficaremos nas publicações dentro da ex-RDA, deixando de lado o que sucedia contemporaneamente na URSS. Isso não exclui, no entanto, a compreensão global do debate desenvolvido também na União Soviética, pois entre os Institutos de Marxismo-Leninismo das duas nações existia uma estreita colaboração. Desse modo os resultados obtidos na URSS se difundiam na RDA precisamente graças às mencionadas revistas e outro tanto sucedia com as respectivas publicações soviéticas. Assim, ainda que autores como Vygotskij ou Kogan sejam russos, desenvolveram suas posturas dentro do debate alemão e acima de tudo exerceram uma influência fundamental sobre esse.

Vejam agora os aspectos gerais e particulares. As principais cidades da ex-RDA onde se desenvolvia a pesquisa e se editavam as revistas eram Berlim Oriental, Halle e Leipzig. A revista desta última cidade, *Marx-Engels-Forschungsberichte* da Karl-Marx-Universität, tem menor peso devido a sua descontinuidade.

Pelo contrário, são mais interessantes e sistemáticas as publicações dos centros de investigação de Berlim e Halle. Começamos com Halle. Os trabalhos da MEGA² se desenvolveram na Martin-Luther Universität Halle-Wittenberg na seção de Marxismo-Leninismo. A revista em que se divulgavam os resultados da investigação levava por título *Arbeitsblätter zur Marx-Engels-Forschung* e se imprimia a cargo da mesma Universidade, na seção de difusão científica, com resultados tipográficos objetivamente de baixa qualidade. A publicação começou em 1976 e se prolongou até 1988, com um total de 23 números. Seu caráter periódico não implicava, porém, uma entrega fixa, de modo que houve anos com um só número diante a outros com até cinco números, ainda que não se constate anos sem publicação.

Em Berlim o equivalente dos *Arbeitsblätter* eram os *Beiträge zur Marx-Engels-Forschung*, editados pelo Instituto de Marxismo-Leninismo do Comitê Central do Partido Socialista Unificado da Alemanha Oriental e a seção Marx-Engels-Forschung. A publicação, iniciada em 1978, se prolongou até 1989, com um total de 28 números. Aqui a periodicidade também era livre. O motivo provável é a estreita aproximação da investigação e publicação da MEGA² com a publicação da revista: nessa se expunham os resultados à medida que se iam obtendo e era, portanto, impossível fixar prazos regulares.

Os *Arbeitsblätter* e *Beiträge* constituíam um verdadeiro laboratório *em curso*, em que as questões se apresentavam de forma imediata, sem particulares preâmbulos. Essas revistas tinham, efetivamente, um caráter informativo, mas somente na medida em que o público estava constituído por especialistas, ou ao menos por pessoas com um conhecimento médio-alto da obra de Marx e Engels que, no entanto, não participavam diretamente na investigação filológica. Essa característica comportava certos limites expositivos e um tratamento conciso que podia remeter ao número anterior ou ao seguinte para as premissas e para a continuação respectivamente, o que aludia a um debate interno da revista que somente podia ser seguido se se conhecesse de forma global a problemática.

Por outro lado, a publicação anual *Marx-Engels-Jahrbuch*, editada conjuntamente pelos Institutos de Marxismo-Leninismo de Berlim e Moscou em nome da Dietz Verlag Berlim, estava projetada para uma difusão mais ampla, ainda que conservasse um alto grau de especialização, como o atesta a qualidade tipográfica decididamente melhor. Nesta se oferecia uma formulação unitária dos processos de investigação que haviam sido desenvolvidos nas revistas anteriormente mencionadas. Com frequência se tratava de uma formulação clara e orgânica dos resultados já obtidos e os problemas tratados eram retomados e ofereciam ao leitor de maneira acessível, rica em notas e que continha internamente às referências que nas outras revistas deviam seguir-se externamente. Estas características e o caráter anual permitiam uma periodicidade fixa. De fato, a publicação começou em 1978 e continuou até 1991, com 13 números completos, com apenas o último número deixando de respeitar tal regularidade, pois se editou em 1991 e não em 1990.

Como deverá ter notado o leitor se menciona nestas revistas no passado e assim é porque atualmente não são mais publicadas ou quanto menos mudaram de formato. As causas se encontram nos acontecimentos políticos que marcaram história da Alemanha a partir de 1989 e que certamente não é necessário recordar. Limitamo-nos a destacar que a crise progressiva e a conseguinte desapareição da RDA implicou a falta de fundos para a investigação e, portanto, ainda mais para as revistas em questão, interrompendo-se assim a publicação, com exceção do décimo terceiro volume de *Marx-Engels-Jahrbücher*, que não teve continuidade.

A situação fez com que fosse extremadamente difícil a continuação desse importantíssimo trabalho. Foi necessária uma reestruturação, que foi conduzindo à redução tanto das revistas como dos números anuais. Atualmente as únicas revistas vigentes são os *Beiträge zur Marx-Engels-Forschung. Neue Folge*, editados pela Argument Verlag de Hamburgo-Berlim, desde 1991, anualmente. Esses recolheram a herança e, em grande medida, os estudiosos dos velhos *Beiträge*, garantindo assim um alto nível qualitativo.⁶

Além das revistas especializadas também se publicavam na RDA outras revistas de caráter político-cultural mais geral, ou econômico, em que se aludiam às problemáticas desenvolvidas nos *Arbeitsblätter e Beiträge*. Nestas, no entanto, as posições críticas interpretativas abordavam quase sempre questões mais amplas, seja do ponto de vista histórico-político ou filosófico⁷. Refiro-me a publicações fundamentais para compreender o desenvolvimento cultural do RDA como a *Deutsche Zeitschrift für Philosophie*.

3.2 AS PUBLICAÇÕES NA ALEMANHA OCIDENTAL

Na Alemanha Ocidental não havia centros filológicos que trabalhassem diretamente na elaboração da MEGA², mas ainda assim a atenção para esse projeto foi constante. A postura contrária inicial foi progressivamente diluída graças à convergência sobre as linhas de fundo, derivada dos resultados filológicos. Certamente isto não vale para todo o panorama editorial, mas apenas para algumas publicações especializadas interessadas em questões exegético-interpretativas.

⁶ Ver <http://www.marxforschung.de/>

⁷ Compare por exemplo *Beiträge zur Geschichte Arbeiterbewegung*, ou bem a *Zeitschrift für Geschichtswissenschaft*.

Uma das revistas mais importantes foi a *Gesellschaft. Beiträge zur Marxschen Theorie*, editada por Backhaus e outros em Frankfurt a cargo da Suhrkamp na célebre coleção “Edition Suhrkamp”. Essa publicação tinha periodicidade livre e no total apareceram 13 volumes – 1 (1974) – 13 (1979). Nela se abordavam problemas que abarcavam diversas temáticas marxianas, fosse de cunho especificamente filosófico, histórico ou econômico graças a artigos como, por exemplo, sobre a questão da transformação dos valores em preços. Mediante as contribuições, sobretudo de Backhaus, assentaram-se as bases para uma nova interpretação de Marx que encontrou continuidade e confirmação, com alguns matizes necessários, nos resultados filológicos e os estudos da ex-RDA.

Sempre na mesma coleção da Suhrkamp apareceram, entre 1973 e 1974, dois volumes, que depois não tiveram continuidade, intitulados *Aspekte der Marxschen Theorie* respectivamente 1 e 2. Neles também se propunha uma reconstrução do sistema marxiano e o primeiro, a cargo de Eberle, é particularmente interessante: trata-se de uma monografia dedicada ao tema da transformação, considerado de um ponto de vista metodológico.

Outro importante centro de investigação marxiana é a *Marx-Engels-Stiftung*, com sede em Wuppertal. Há alguns anos promovem estudos e debates sobre Marx e Engels acerca dos aspectos mais diversos de seu pensamento. Ao que concerne à análise marxiana, a fundação já publicou quatro volumes intitulados *Marx-Engels-Forschung heute*: o III e o IV de forma independente, esse último aparecido em Frankfurt em 1992. Os dois primeiros apareceram como volumes XIII e XIV dos *Schriften der Marx-Engels-Stiftung*, editados respectivamente em Neuss em 1989 e em Wuppertal em 1990. Folhando os índices se aprecia, de imediato, contribuições tanto de pesquisadores ex-ocidentais como ex-orientais, que demonstram o diálogo antes mencionado.

Mais um influente instituto de pesquisa sobre estas temáticas é o *Institut für Marxistische Studien und Forschung*. Fundado em 1968, com sede em Frankfurt, depois de vinte anos de atividade, fechou em 1989 por conta das repercussões econômicas da queda do muro de Berlim. Para esta fundação também vale o que foi explicitado anteriormente: nela colaboravam proveitosamente expoentes de ambas “partes”. A publicação oficial do instituto eram os *Marxistische Studien - Jahrbuch des IMSF* que alcançaram

um total de 15 números. A série 1(1978) - 7 (1984) teve uma periodicidade anual, para depois passar a semestral na série 8 (1985) - 15 (1989). Além desses 15 volumes foi publicado também um *Sonderband* em 1983, para marcar o centenário da morte de Marx.

Finalmente merece atenção a *Argument-Verlag*, com sede em Berlim-Hamburgo. Seu fundador, Wolfgang Fritz Haug, ex-professor de filosofia na Freie Universität Berlim, foi um dos marxistas mais influentes na Alemanha Ocidental, sobretudo em Berlim, onde é também editor da revista *Das Argument*. Esta revista começou a ser publicada na década de sessenta e ainda está ativa, com publicação de artigos com temas diversos, de carácter filosófico, político, cultural e de costumes, com uma atenção especial ao movimento feminista. Dela surgiu a editora de mesmo nome.

A *Argument-Verlag* é digna de especial atenção porque, depois da queda do muro e do chamado socialismo real, foi a principal referência para todos aqueles estudiosos, muitos da ex-RDA, que continuam trabalhando com textos marxianos. Veja-se, por exemplo, os citados *Beiträge zur Marx-Engels-Forschung. Neue Folge*, herdeiros dos velhos *Beiträge*, que precisamente são editados pela Argument-Verlag. Outro grande projeto desta editora, ainda em curso, é a publicação do *Historisch-Kritisches Wörterbuch des Marxismus*, em 15 volumes⁸. O vocabulário continua o projeto francês de Labica⁹, com a intenção de superar a qualidade, especialmente a partir dos resultados obtidos na elaboração da MEGA². Como se deduz dos termos mencionados no título dos volumes, o espectro da pesquisa é amplo e, além disso, o vocabulário é histórico-crítico, se interessa por temáticas que não são atuais, mas que tiveram sua importância na história do movimento¹⁰.

⁸ Ver <http://www.inkrit.de/hkwm/hkwm-index.htm>

⁹ Também traduzido e publicado em alemão, sempre pela Argument-Verlag, com o título *Kritisches Wörterbuch des Marxismus* em oito volumes aparecidos entre 1983 e 1989.

¹⁰ Pode-se encontrar mais informações sobre as publicações e os web sites alemães aqui:

<http://marxdialecticalstudies.blogspot.it/2010/12/german-websites-on-marx-sitografia.html>; e

<http://marxdialecticalstudies.blogspot.it/2010/12/recent-german-publications-on-marx.html>. Note-se, ademais, que a Argument-Verlag também iniciou a publicação em alemão das obras completas de Gramsci.

4 QUATRO EXEMPLOS PARA VALORIZAR A “REVOLUÇÃO”

Para se compreender o alcance da novidade que supõe a MEGA² na história da análise marxiana, considero útil oferecer quatro exemplos que ilustram que tudo que falou até agora de Marx prescindiu necessariamente da leitura completa de uma *parte fundamental* de seus textos.

Como é sabido Marx trabalhou incessantemente na elaboração da sua obra principal, *O capital*. Tratou-se de um esforço que levou trinta anos e que foi conduzido em silêncio, com uma abnegação que comprometeu irremediavelmente a saúde do autor. O fruto de tanto trabalho consiste em uma quantidade impressionante de páginas escritas, entre manuscritos, notas, anotações, extratos, etc. A MEGA² é, no fundo, a tentativa de impedir a deriva deste continente. Mediante a divisão em sessões e a classificação do material é possível, pela primeira vez na história da crítica, a leitura completa dos textos marxianos e, portanto, uma interpretação plausível e orgânica.

Deve-se recordar que Marx elaborou três grandes manuscritos preparatórios de *O Capital*: o primeiro em 1857-8 (conhecido como *Grundrisse der Kritik der politischen Ökonomie*), o segundo em 1861-63 e o terceiro em 1863-65. O primeiro era acessível graças à edição de 1953 mencionada. Sua nova publicação na MEGA² apresenta novidades, mas não altera substancialmente o significado global. As coisas mudam para os outros dois manuscritos¹¹.

4.1 O MANUSCRITO DE 1861-63

A primeira limitação importante para o conhecimento histórico desse manuscrito consiste em que até fins dos anos 70 tinha sido publicado somente o *Theorien über den Mehtwert* (*Teorias sobre a mais-valia*). Esse texto apareceu no início do século passado na tristemente famosa edição de Kautsky¹² e depois nos anos 60, numa reprodução mais fiel do manuscrito, na *Marx-Engels-Werke*, como vigésimo sexto volume em

¹¹ No debate ocidental, nas últimas décadas somente poucos livros tentaram reconstruir a teoria do capital mais em geral (ou seja, não se limitando somente a forma-valor) tendo em conta as novidades da MEGA²: (DUSSEL, 1985, 1988, 1990; BIDEF, 1985, 2004; HEINRICH, 1999; FINESCHI, 2001, 2008).

¹² Que serviu de base para a tradução da editoria Einaudi: K. MARX, *Storia delle teorie economiche*, (1953).

três tomos¹³. *No entanto, as Theorien constituem apenas a parte central do Manuscrito de 1861-63.*

A segunda limitação importante para essa recepção histórica é a interpretação das *Theorien* como quarto livro do *Capital*, adotada, por certo, pela mesma Marx-Engels-Werke. Se em certos aspectos se pode sustentar a plausibilidade de tal postura¹⁴, esta não é aceitável nos termos reducionistas em que foi historicamente proposta, porque se perde a especificidade do manuscrito como fase de desenvolvimento da teoria marxiana do capital.

Agora identificamos melhor o objeto da investigação. *Zur Kritik der politischen Ökonomie (Para a crítica da economia política)* é o texto publicado por Marx em 1859, como primeira parte de seu sistema. Esse contém dois capítulos: “Mercadoria” e “O dinheiro, ou seja, a circulação das mercadorias”. De acordo com os esquemas do plano completo da obra daqueles anos (CARTA..., 1858), a estes lhes deveria ter seguido o tratamento do “capital em geral” como terceiro capítulo e, de fato, o *Manuscrito de 1861-63* começa exatamente como terceiro capítulo de *Zur Kritik der politischen Ökonomie*, com o título de “O capital em geral”.

Depois de uma primeira parte em que segue o esquema, Marx inicia, todavia, uma “divagação” sobre a economia política, que constitui a parte mais importante do manuscrito e que interrompe definitivamente o tratamento do “capital em geral” até o ponto de significar o seu desaparecimento na continuação da obra marxiana. Esta divagação são as *Theorien*, às quais ainda se seguem cadernos que não são nem a retomada do “capital em geral”, nem o início da exposição de *O Capital*. Com eles conclui o segundo manuscrito, ao término do qual Marx entendeu como deveria escrever *O Capital*, o que fará no manuscrito de 1863-65.

Espero ter a possibilidade, em outra ocasião, de avaliar à importância destas mudanças, mas não é possível fazer isso agora. O que aqui interessa destacar é que *a parte que precede às Theorien e a parte que as segue se publicam pela primeira na MEGA*². Somente agora é possível considerar

¹³ Que serviu de base para a tradução de Editori Riuniti: K. MARX, *Storia dell'economia politica. Teorie sul plusvalore I-III* (1993).

¹⁴ Jahn (1976, p. 55-63). Por outro lado, sobre esta questão se desenvolveu um intenso debate no qual não se pode entrar.

o manuscrito como um todo orgânico, a segunda fase preparatória da redação completa de *O Capital*¹⁵.

4.2 OS MANUSCRITOS DO LIVRO SEGUNDO E TERCEIRO

Igualmente, são de grande relevância as novidades pelo que diz respeito aos manuscritos dos livros segundo e terceiro. O terceiro grande manuscrito, o de 1863-65 constitui a primeira redação inteira de *O Capital* baseada no projeto definitivo, onde temos o manuscrito fundamental do terceiro livro e o primeiro do segundo (CARTA..., 1866, p. 534). Como é sabido, a primeira parte do manuscrito, a relativa ao primeiro livro, não foi dada a conhecimento, com exceção do *Capítulo sexto inédito* que já é acessível para os estudiosos.

Porém, é *fundamental* para a avaliação de *O Capital* como tal, a publicação de outros muitos manuscritos marxianos do segundo e terceiro livro sobre os quais trabalhou Engels para as versões enviadas por ele à imprensa depois da morte de Marx. Todos esses manuscritos foram finalmente encontrados, assim como os trabalhos editados por Engels, nos capítulos 11-15 e no capítulo 4.3 (último publicado) da segunda seção. Trata-se de um total de milhares de páginas inéditas. Graças ao tomo 4.3, a segunda seção da MEGA² é a primeira a ter sido completada.

É necessário abrir um parêntese acerca do que está ocorrendo no debate filológico. Anteriormente, referiu-se à dogmatização e ideologização do pensamento marxiano: mencionou-se que uma de suas características mais importantes era a identificação do pensamento de Marx e Engels. Deixar de lado esse dogma levou a uma reavaliação substancial do que foi a leitura histórica de *O Capital*, fundada sobre dos resultados filológicos da MEGA². Como já é bem conhecido, Engels publicou depois da morte de Marx tanto o segundo como o terceiro livro baseando-se nos manuscritos marxianos antes citados¹⁶. No *Prefácio* do terceiro livro o mesmo Engels expõe os critérios que seguiu na seleção – diga-se que nem sempre respeitados -- e dá uma descrição do material sobre o que trabalhou. Portanto, seu

¹⁵ Em italiano está disponível a parte que precede às *Theorien*, a cargo de Calabi y traduzida pela Compagnoni: (MARX, 1980).

¹⁶ Na realidade, isto é exato somente para o terceiro livro, pois para o segundo existiam até sete manuscritos de Marx sobre os que Engels trabalhou, e não unicamente o de 1863-65.

trabalho foi uma obra de interpretação pessoal do texto marxiano. Mas o pensamento de ambos não é idêntico.

Estas considerações conduzem a conclusões extraordinárias: *i. historicamente não se leu mais do que a reelaboração de Engels, ii. a teoria de Marx é uma obra incompleta não só no que diz respeito ao ensejo global dos seis livros, mas também pelo que diz respeito ao tratamento puro da teoria do capital.*

A publicação dos manuscritos marxianos permite afrontar tanto a questão das distorções marxistas como a reconstrução da coerência interna da teoria em si. Tenha-se em conta, por exemplo, os problemas ligados ao terceiro livro de *O Capital*, concretamente, o problema da transformação. De acordo com esta distinção em um ponto pensou-se até em mudar o título do segundo e terceiro livro histórico do *Capital* adotando aproximadamente a seguinte solução: “Texto publicado por Engels como segundo (respectivamente terceiro) livro do *Capital* sobre a base do manuscrito marxiano de 1863-65”.

O capital “por Marx” como foi lido na história do debate *não existe*. Existem por um lado os manuscritos por Marx, que são esboços, de outro as edições por Engels, que finalizou textos que não estavam prontos. É uma nota [nota aqui: Sobre esses assuntos ver R. Hecker, *New Perspectives Opened by the Publication of Marx's Manuscripts of Capital, Vol. II*, y R. Roth, *Karl Marx's Original Manuscripts in the Marx-Engels-Gesamtausgabe (MEGA)*, ambos in *Re-Reading Marx. New Perspectives after the Critical Edition*, ed. by R. Belloriore and R. Fineschi, London, 2009].

4.3 AS DIVERSAS EDIÇÕES DO LIVRO PRIMEIRO DE *O CAPITAL* AUTORIZADAS POR MARX E ENGELS

Tradicionalmente se considerou que a elaboração da teoria do valor estava concluída com a primeira edição alemã do primeiro livro de *O Capital*. No entanto, parece que isso não é de todo certo, e uma vez mais o mérito corresponde aos resultados filológicos. Efetivamente, na MEGA² se reproduzem de maneira integral todas as edições do primeiro livro supervisionadas ou autorizadas por Marx e Engels, que no total são seis: 1. I

edição alemã 1867; 2. II ed. alemã 1872; 3. ed. francesa 1872-1875; 4. III ed. alemã 1883; 5. ed. inglesa 1887; IV ed. Alemã 1890.

Uma vez mais não se pode entrar no conteúdo das modificações, mas é de notar, porém, que entre a I e a II há mudanças fundamentais. Como é sabido na I existiam dois tratamentos distintos da forma de valor, um no texto principal e outro no apêndice para os “não dialéticos”; na II pelo contrário temos uma única exposição unitária. Para uma análise mais detalhado das mudanças na categoria central e na ainda largamente incompreendida “forma do valor” é muito importante um manuscrito que Marx redigiu na preparação da II ed. e que agora se publica pela primeira na MEGA², intitulado *Ergänzungen und Veränderungen zum ersten Band des Kapitals*, que é essencial para compreender a conexão entre substância e forma de valor.

A reprodução completa das diversas edições permite *pela primeira vez* fazer uma confrontação textual orgânica e avaliar na totalidade o ulterior desenvolvimento que a teoria do valor tem nessa fase. Não obstante, historicamente leu-se a quarta edição alemã de 1890 a cargo de Engels¹⁷.

4.4 A QUARTA SEÇÃO

A quarta seção, junto com a terceira, é a que se ressentiu em maior medida da crise financeira do projeto MEGA² depois da queda do Muro. Como se apontou anteriormente, por ora somente se publicou uns poucos volumes e é difícil aventar a finalização da seção em curto prazo.

Esta seção deveria conter os extratos, trabalhos de análise e as fichas que Marx e Engels realizaram ao longo de suas vidas. Nela se encontram sobretudo as investigações preparatórias de Marx para o projeto completo dos seis livros. Tal projeto, que não foi além de um estado preliminar pelo que diz respeito a sua elaboração sistemática, estava, porém mais avançado no que concerne à fase de catalogação e leitura de textos. Essencialmente a quarta seção permitirá investigar nos textos marxianos inéditos os traços de sua colocação global na análise da sociedade burgue-

¹⁷ Em sua edição em Espanhol, Scaron teve em conta vários destes assuntos. Em Italiano, nas *Opere Complete* volume 31, em maio apareceu uma nova versão onde se apresentam todos os textos que Marx escreveu para o primeiro livro, incluído o mencionado manuscrito inédito: (MARX; ENGELS, 2012).

sa. Recentemente apareceram também anotações e extratos sobre química, mineralogia e geologia.

Entre os volumes publicados até agora são de grande interesse os manuscritos londrinos de 1850-53, quando Marx retomou os estudos de economia política, dedicando-se, sobretudo os problemas da teoria do dinheiro. Esses textos são também importantes para a periodização do trabalho marxiano e para a avaliação de sua maturidade.

O que interessa evidenciar é que, *desde o ponto de vista do questionamento global, a análise da obra de Marx é possível somente agora.*

5 ALÉM DA FILOGIA

É necessário delinear ainda algumas considerações. A primeira é que a divisão “geográfica” das revistas na seção 3 não obedece a uma contraposição ideológica entre dois blocos. Tal contraposição existiu a princípio, mas, graças aos resultados do trabalho filológico, diminuiu progressivamente, tendo se conseguido ao final uma convergência sobre as questões fundamentais.

A segunda consideração parte do que foi dito ao início: a MEGA² é a demonstração de que o Marx lido “historicamente” é outra coisa que o Marx “atual”. Contudo, o valor da edição, enquanto primeira publicação completa de seus textos não deve deixar em segundo plano o caráter histórico-crítico do projeto. Com respeito ao debate sobre os resultados do trabalho filológico desenvolvidas nas publicações antes mencionadas, enfrentamo-nos com as interpretações históricas da obra de Marx chegando a conclusões que por uma parte fecham determinados capítulos, no sentido de que despejam dúvidas sobre leituras de textos que se tornaram insustentáveis, e por outra parte, abrem novas perspectivas, pois resulta necessário responder adequadamente às questões formuladas. Os temas tratados são muitos e não é possível entrar aqui em seu conteúdo, valham os exemplos propostos a seguir como indicações de caráter geral.

- i) Chegou-se a conclusões compartilhadas pelos pesquisadores mais importantes, sobretudo no respectivo a análise do valor. Em concreto nos referimos à questão da “forma de valor” no que concerne a sua relação

com a “substancia de valor” e, portanto, a um nível mais desenvolvido, à relação mercadoria-dinheiro. A demonstração da conexão entre estas categorias permite, entre outras coisas, recusar definitivamente a redução de “valor” a simples quantidade de trabalho incorporado no produto, prescindindo da “forma do valor”¹⁸.

- ii) Outro exemplo é a questão da relação Marx-Hegel. Como resultado da reconstrução histórico-crítica reformulou-se a estéril contraposição entre o pensador “idealista” e o pensador “materialista”, para buscar nos textos – e somente neles – a presença e a função de determinadas categorias hegelianas na teoria de Marx. Os conceitos de “forma-conteúdo” e “contradição” foram, por exemplo, centrais. A operabilidade destas categorias se mostrou indubitável¹⁹.
- iii) Criticou-se a fundo a tese de Rodolsky sobre o “capital em geral” e sobre a estrutura da discussão global de *O Capital*. Tal tese prescindia da análise rigorosa do *Manuscrito de 1861-63* como momento constitutivo na história da formação da obra principal de Marx²⁰.

Estes três exemplos não tem outro objetivo que não o de mostrar que, “mais além” da filologia, o debate histórico-crítico chegou a importantes conclusões no âmbito interpretativo. À luz dos resultados da MEGA² é possível distinguir o discurso teórico do autor alemão daquilo que foi sua interpretação em determinadas circunstâncias histórico-políticas, ou seja, do que genericamente se entende com o termo “marxismo”. Assim, se pôde proceder à identificação de uma série de “dogmas” no debate histórico que condicionaram fortemente as linhas interpretativas fundamentais e que não parecem mais sustentáveis. Deles se oferece uma síntese muito

¹⁸ A este tema foram ensaios como os de H. G. BACKHAUS, (1978, p. 16-117) y R. HECKER (1987, p. 147-198). As contribuições fundamentais de Backhaus estão recolhidas de forma unitária no volume publicado recentemente *Dialektik der Wertform*, Freiburg, 1997. Ver uma resenha deste debate em R. Fineschi (2008).

¹⁹ Estes figuram entre os temas centrais da reflexão de V. Vygodskij – entre suas numerosas contribuições veja a já citada *Introduzione ai “Grundrisse” di Marx*, 1974 - y de W. JAHN, 1978. Gostaria de sublinhar que não se está sustentando que o debate sobre a relação Marx-Hegel esteja fechado, e sim que somente agora, à luz da filologia marxiana e hegeliana, se pode discutir corretamente.

²⁰ Veja uma reconstrução do debate alemão sobre o “Capital em geral” em meu “*Capital in general*” and “*Competition*” in *the Making of Capital: the German debate*, in *Science & Society*, n.1, vol. 73. Enquanto para posições mais recentes, ver M. Heinrich (1989); C. Arthur, (2002); F. Moseley (2009); e meus *The four levels of abstraction of Marx’s theory of capital*, in *In Marx’s Laboratory. Critical Interpretations of the ‘Grundrisse’* (forthcoming. Uma versão anterior está disponível na internet) e *On Hegel’s Methodological Legacy in Marx in Hegel’s Logic and Marx’s Capital* (forthcoming).

ilustrativa, que também pode considerar-se uma “introdução” aos resultados da MEGA², em um artigo de Vygotskij aparecido em 1993.

6 CONCLUSÕES

À luz de quanto se falou se abre um novo campo de pesquisa: depois da experiência histórica vivida pelo movimento marxista depois da queda do muro de Berlim, é necessário repensar as bases teóricas. Esta difícil tarefa só pode fundar-se, ao meu entender, na compreensão crítica do legado do pensador alemão. Atualmente isto é possível graças à MEGA². Não se trata de reinventar a Marx e sim, em primeiro lugar, de ler aquilo que nos legou, de voltar aos textos.

Para sustentar a própria coerência interna, o debate que desenvolveu no passado sobre estes temas deve confrontar-se com os resultados do trabalho filológico e com a reconstrução crítica realizada, sobretudo na Alemanha, a partir desses pressupostos, porque a *obra de Marx agora é outra coisa no que diz respeito ao como foi lido até nossos dias*²¹.

Tradução de Inês Cristina dos Santos e Rodrigo Morente

REFERÊNCIAS

ARTHUR, C. Capital in general and Marx's capital, in the culmination of capital. In: CAMPBELL, M.; REUTEN, G. (Ed.). *The culmination of capital: essays on volume III of Marx's "Capital"*. London: Palgrave, 2002. p. 42-64.

BACKHAUS, H. G. Materialien zur rekonstruktion der marxschen werttheorie 3. In: *Gesellschaft: beiträge zur marxschen theorie* 11. Frankfurt: Suhrkamp, 1978. p. 16-117.

BIDET, J. *Explication et reconstruction du 'Capital'*. Paris: PUF, 2004.

_____. *Que faire du 'Capital'*. Paris: Klincksieck, 1985.

CARTA de Marx a Kugelman de 13 de Outubro de 1866. *MEW*, v. 31, p. 534, 1866.

²¹ Me estimula destacar que isto não significa em absoluto que o que se realizou até agora deva ser descartado a priori: parte dos resultados “históricos” podem sustentar-se ao submetê-los a uma valorização crítico-filológica. Aqui se está falando da necessidade de realizar tal valorização.

CARTA de Marx a Lasalle de 22 de Fevereiro de 1858. *MEW*, v. 29, p 553-555, 1858.

DLUBEK, R. Die Entstehung der zweiten Marx-Engels-Gesamtausgabe im Spannungsfeld von legitimatorischem Auftrag und editorischer Sorgfalt. *MEGA-Studien*, Amsterdam, n. 1, S, p. 60-106, 1994.

DUSSEL, E. *El último Marx (1863-1882) y la liberación latino-americana: un comentario a la tercera y cuarta redacción de El Capital*. Mexico City: Siglo XXI, 1990.

DUSSEL, E. Hacia un Marx desconocido: un comentario de los manuscritos del 61-63. Mexico City: Siglo XXI, 1988.

_____. *La producción teórica de Marx: una introducción a los Grundrisse*. México: Siglo XXI, 1985.

ELBE, I. *Marx im Westen: die neue Marx-LEKTÜRE in der bundesrepublik seit 1965*. Berlin: Akademie Verlag, 2008.

FINESCHI, R. “Capital in general” and “competition” in the making of capital: the German debate. *Science and Society*, v. 73, n.1, p. 54-76, 2009.

_____. Dialectic of the commodity and Its exposition: the German debate in the 1970s: a personal survey. In: BELLOFIORE, R.; FINESCHI, R. *Re-reading Marx: new perspectives after the critical edition*. London: Palgrave Macmillan, 2009. p. 50-70.

_____. *Ripartire da Marx*. Napoli: La Città del Sole, 2001.

_____. *Un nuovo Marx*. Roma: Carocci, 2008.

_____. The four levels of abstraction of Marx’s theory of capital. In: BELLOFIORE, R.; STAROSTA, G.; THOMAS, P. D.(Ed.). *In Marx’s Laboratory: critical interpretations of the ‘Grundrisse’*. Leiden; Boston: Brill, 2013. p. 71-100.

_____. On Hegel’s methodological legacy in Marx. In: MOSELEY, F.; SMITH, T. (Ed.). *Marx’s Capital and Hegel’s Logic*. Leiden; Boston: Brill, 2013. p. 140-163.

HECKER, R. Zur entwicklung der werththeorie von der 1. zur 3. Auflage des ersten Bandes des “Kapitals” von Karl Marx (1867-1883). In: *Marx-Engels-Jahrbuch 10*. Berlin: DDR; Dietz Verlag, 1987. p. 147-198.

HEINRICH, M. Capital in general and the structure of Marx’s capital: new insights from Marx’s economic manuscripts of 1861-63, *Capital & Class*, v. 13, n. 2, p. 63-79, Summer, 1989.

HEINRICH, M. *Die Wissenschaft vom Wert*. Münster: Verlag Westfälisches Dampfboot, 1999.

JAHN, W. Die Entwicklung der Ausgangstheorie der politischen Ökonomie des Kapitalismus in den Vorarbeiten zu Marx' "Kapital". In: _____. (Ed.). *Unsrer Partei einen Sieg erringen: entstehungs- und wirkungsgeschichte des "Kapitals"* von Karl Marx, Berlin: DDR, 1978. p. 66-79.

_____. Werden die *Theorien über den Mehrwert* zu recht als der 4. Band des "Kapitals" von Karl Marx betrachtet? *Arbeitsblätter zur Marx-Engels-Forschung*, Halle (Saale), n. 1, p. 55-63, 1976.

JÜRGEN, R. Und sie bewegt sich doch! Die Fortsetzung der Arbeit an der MEGA unter dem Schirm der IMES. *MEGA-Studien*, Berlin, v. 1, p. 5-29, 1994.

LABRIOLA, A. In memoria del Manifesto dei comunisti. In: _____. *Saggi sul materialismo storico*. Roma: Ed. Riuniti, 1977.

LUPORINI, C. Dentro Marx, il presente e la prospettiva, ahora. In: Cassano, F. (Ed.). *Marxismo e filosofia in Italia, 1959-1971*. Bari: De Donato, 1976.

MARX, K. ENGELS, F. *Opere complete: Il capitale, livro I (1863-1890)*, a cura di R. Fineschi, Napoli, La città del sole, 2012.V. 31.

MARX, K. *Manoscritti de 1861-1863*. Roma: Editori Riuniti, 1980.

_____. *Storia dell'economia política: teorie sul plusvalore I-III*. Roma, Ed. Riuniti, 1993.

_____. *Storia delle teorie economiche*, Torino: Einaudi, 1953.

MOSELEY, F. The development of Marx's theory of the distribution of surplus-value in the manuscripts of 1861-63. In: BELLOFIORE, R.; FINESCH, R. (Ed.). *Re-reading Marx: new perspectives after the critical edition*. London: Palgrave Macmillan, 2009. p. 128-147.

ROKITIJANSKIJ, J. Das tragische Schicksal von David Borisovic Rjasanov. *Beiträge zur Marx-Engels-Forschung*, Neue Folge, Hamburgo, 1992.

VYGODSKIJ, V. *Introduzione ai "Grundrisse" di Marx*. Firenze: La Nuova Italia, 1974.

VYGODSKIJ, V.S. Überlegungen zu einigen Dogmen der Marx-Interpretation. In: *Beiträge zur Marx-Engels-Forschung*: Neue Folge. Hamburg, 1993. p. 107-121.